LUMEN ET VIRTUS
ISSN: 2177-2789

ALÉM DO TRATAMENTO: ESTRATÉGIAS CLÍNICAS PARA A PROMOÇÃO DO BEM-ESTAR ANIMAL NA MEDICINA DE PEQUENOS ANIMAIS

BEYOND TREATMENT: CLINICAL STRATEGIES FOR PROMOTING ANIMAL WELFARE IN SMALL ANIMAL MEDICINE

MÁS ALLÁ DEL TRATAMIENTO: ESTRATEGIAS CLÍNICAS PARA PROMOVER EL BIENESTAR ANIMAL EN LA MEDICINA DE PEQUEÑOS ANIMALES

https://doi.org/10.56238/levv13n31-060

Data de submissão: 14/01/2023 **Data de publicação:** 14/02/2023

Victória Ferreira Sousa

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar e integrar os principais conceitos, modelos e estratégias clínicas voltadas à promoção do bem-estar animal na medicina de pequenos animais. Realizou-se uma revisão narrativa de literatura, com base em artigos científicos e diretrizes internacionais publicadas entre 2001 e 2023, obtidos em bases como PubMed e Scopus, além de documentos da WSAVA, OIE, FAWC, AVMA e Fear Free. Foram abordados o Modelo das Cinco Liberdades, o Modelo dos Cinco Domínios e suas aplicações clínicas, incluindo manejo humanizado, analgesia multimodal, adequações ambientais, comunicação ética e decisão compartilhada. Os resultados evidenciam que o bem-estar animal transcende a dimensão ética, configurando-se como competência técnica indispensável ao exercício da medicina veterinária, com impacto direto na recuperação, na adesão terapêutica e na relação veterinário–tutor. Conclui-se que a integração desses princípios eleva os padrões de cuidado e reforça a responsabilidade ética e social da profissão, em consonância com as diretrizes internacionais de bem-estar animal.

Palavras-chave: Bem-estar Animal. Clínica de Pequenos Animais. Manejo Humanizado. Analgesia. Comunicação Ética.

ABSTRACT

This study aimed to analyze and integrate the main concepts, models, and clinical strategies related to animal welfare promotion in small animal veterinary medicine. A narrative literature review was conducted, based on scientific articles and international guidelines published between 2001 and 2023, obtained from databases such as PubMed and Scopus, as well as documents from WSAVA, OIE, FAWC, AVMA, and Fear Free. The study addressed the Five Freedoms and Five Domains Models and their clinical applications, including humane handling, multimodal analgesia, environmental adjustments, ethical communication, and shared decision-making. The findings indicate that animal welfare transcends ethical dimensions, constituting a technical and professional competence essential to veterinary practice, with direct effects on recovery, therapeutic adherence, and the veterinarian–tutor relationship. It is concluded that integrating these principles enhances care standards and reinforces the ethical and social responsibility of the veterinary profession, in accordance with international animal welfare guidelines.

Keywords: Animal Welfare. Small Animal Clinic. Humane Handling. Analgesia. Ethical Communication.

RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo analizar e integrar los principales conceptos, modelos y estrategias clínicas centrados en la promoción del bienestar animal en la medicina de pequeños animales. Se realizó una revisión narrativa de la literatura, basada en artículos científicos y guías internacionales publicados entre 2001 y 2023, obtenidos de bases de datos como PubMed y Scopus, así como de documentos de la WSAVA, la OIE, la FAWC, la AVMA y Fear Free. Se abordaron el Modelo de las Cinco Libertades, el Modelo de los Cinco Dominios y sus aplicaciones clínicas, incluyendo el trato humanitario, la analgesia multimodal, las adaptaciones ambientales, la comunicación ética y la toma de decisiones compartida. Los resultados muestran que el bienestar animal trasciende la dimensión ética, configurándose como una competencia técnica indispensable para la práctica de la medicina veterinaria, con un impacto directo en la recuperación, la adherencia terapéutica y la relación veterinario-propietario. Se concluye que la integración de estos principios eleva los estándares de atención y refuerza la responsabilidad ética y social de la profesión, en consonancia con las guías internacionales de bienestar animal.

Palabras clave: Bienestar Animal. Clínica de Pequeños Animales. Trato Humanitario. Analgesia. Comunicación Ética.

1 INTRODUÇÃO

O bem-estar animal consolidou-se nas últimas décadas como um dos principais pilares da medicina veterinária contemporânea. A compreensão atual transcende a visão restrita da ausência de doença, incorporando aspectos físicos, mentais e sociais da vida dos animais. Nesse sentido, a saúde passou a ser interpretada como um estado de equilíbrio e qualidade de vida, pra além da eliminação de processos patológicos (Mellor; Beausoleil, 2015). Essa mudança de paradigma impõe ao médico-veterinário a necessidade de atuar como agente ativo na promoção do bem-estar, em vez de se limitar à função tradicional de diagnóstico e tratamento.

A relevância do tema é evidente diante da crescente valorização social dos animais domésticos, que são hoje reconhecidos como membros da família multiespécie. Esse vínculo afetivo ampliou as expectativas dos tutores quanto ao cuidado clínico, demandando práticas que considerem a recuperação física e a experiência emocional dos pacientes (WSAVA, 2019). No entanto, reconhecer o sofrimento animal não é tarefa trivial: a ansiedade, a dor crônica e o estresse frequentemente se manifestam de forma sutil, por meio de alterações comportamentais discretas ou sinais fisiológicos pouco específicos (Stasiarz *et al*., 2018; Holden *et al*., 2021). A falha em identificar tais manifestações compromete a eficácia terapêutica e a qualidade de vida do animal ao longo de todo o processo de cuidado.

Nesse cenário, ferramentas modernas de avaliação e modelos conceituais mais abrangentes têm assumido conceito central. O Modelo dos Cinco Domínios, proposto por Mellor e Beausoleil (2015), representa uma evolução das Cinco Liberdades, tradicionalmente empregadas como base para o bem-estar animal. Enquanto as liberdades destacavam a ausência de condições negativas, os domínios abrangem dimensões nutricionais, ambientais, de saúde física, comportamentais e emocionais, permitindo ao clínico avaliar o sofrimento e a presença de estados afetivos positivos. Essa perspectiva fortalece a compreensão do cuidado veterinário, reforçando que o objetivo deve ser evitar experiências negativas e possibilitar que os animais desfrutem de uma vida com bem-estar.

Do ponto de vista prático, diversas estratégias têm sido incorporadas à rotina clínica para reduzir estressores e favorecer experiências positivas. Entre elas destacam-se protocolos de manejo humanizado, como o Fear Free e o Low Stress Handling, que orientam técnicas de contenção gentil, adaptação ambiental e uso de reforço positivo durante consultas e procedimentos (Fear Free, 2020). Associadas a intervenções clínicas específicas, como analgesia multimodal, feromonoterapia e adequações ambientais, essas práticas contribuem para minimizar a ansiedade e a dor, ao mesmo tempo em que reforçam a confiança do animal e de seus tutores no atendimento veterinário (Grandin, 2019).

A comunicação entre veterinário e tutor emerge, nesse contexto, como elemento importante. A maioria dos responsáveis desconhece sinais sutis de sofrimento ou interpreta erroneamente comportamentos relacionados à dor e ao estresse. Cabe ao médico-veterinário educar os tutores sobre

essas manifestações e conduzir o processo de decisão de forma ética e compartilhada, especialmente em situações de maior complexidade, como nos cuidados paliativos ou na indicação de eutanásia humanizada (AVMA, 2020). Essa abordagem fortalece a relação de confiança, garante maior adesão às recomendações e contribui para decisões mais alinhadas ao bem-estar do animal.

Apesar dos avanços, a implementação de práticas centradas no bem-estar ainda enfrenta problemas significativos. Limitações estruturais das clínicas, barreiras culturais à adoção de protocolos inovadores, restrições econômicas dos tutores e o desgaste emocional dos próprios veterinários são fatores que dificultam a plena incorporação dessas estratégias na rotina (OIE, 2021). Tais obstáculos evidenciam a necessidade de políticas públicas, programas educacionais e diretrizes institucionais que consolidem o bem-estar como competência técnica obrigatória na formação e atuação profissional.

Diante desse panorama, torna-se indispensável uma revisão crítica das estratégias clínicas voltadas ao bem-estar de pequenos animais, com foco no reconhecimento precoce do sofrimento, no manejo ético e humanizado dos pacientes e na comunicação efetiva com os tutores. Este artigo tem como objetivo revisar e discutir essas práticas, integrando evidências científicas e experiências clínicas que sobrepassem o simples tratamento de doenças, e propondo uma atuação veterinária centrada na saúde global dos animais e na sua qualidade de vida.

A metodologia adotada trata-se de uma revisão narrativa de literatura baseada em artigos científicos e diretrizes internacionais sobre bem-estar animal em pequenos animais, publicados entre 2001 e 2023. As fontes consultadas incluíram *PubMed*, *Scopus* e documentos da WSAVA, OIE, FAWC, AVMA e Fear Free. A análise foi qualitativa e descritiva, integrando evidências teóricas e práticas voltadas à aplicação clínica e à promoção do bem-estar segundo os Modelos das Cinco Liberdades e dos Cinco Domínios.

2 MODELOS DE BEM-ESTAR ANIMAL

A avaliação do bem-estar animal tem evoluído a partir de conceitos iniciais centrados na prevenção de sofrimento, como as Cinco Liberdades, para abordagens mais abrangentes, como o Modelo dos Cinco Domínios. Ambos os modelos oferecem estruturas teóricas que orientam a prática clínica, mas diferem em escopo e aplicabilidade.

2.1 AS CINCO LIBERDADES

O Modelo dos Cinco Domínios, proposto por Mellor e Beausoleil (2015), expande a perspectiva das Cinco Liberdades ao incluir a avaliação de estados emocionais positivos e uma compreensão mais ampla e multidimensional da experiência animal. Essa visão é coerente com Mellor (2016), que defende a necessidade de incorporar experiências subjetivas e positivas como parte base do bem-estar, indo além da simples ausência de sofrimento. Esse modelo é composto por cinco

dimensões interligadas: nutrição, ambiente físico, saúde física, comportamento e estados mentais. O domínio da nutrição abrange a qualidade, quantidade e frequência da alimentação, considerando tanto a adequação às necessidades fisiológicas quanto as preferências individuais, conforme as recomendações da *World Organisation for Animal Health* (OIE, 2021), que ressalta a importância da nutrição equilibrada como base para o bem-estar.

O ambiente físico contempla aspectos de conforto térmico, acústico e espacial, além de fatores como acessibilidade e segurança, alinhando-se às diretrizes da *World Small Animal Veterinary Association* (WSAVA, 2019), que recomenda a adaptação ambiental como componente central do manejo clínico humanizado. A saúde física envolve ações preventivas e terapêuticas voltadas à dor, doenças e ferimentos, conforme Holton *et al*. (2001) e Holden *et al*. (2021), que destacam a avaliação sistemática da dor como ferramenta indispensável à prática clínica ética e eficaz.

O domínio do comportamento diz respeito à oportunidade de expressar condutas naturais e realizar atividades de escolha voluntária, reforçadas por práticas de enriquecimento ambiental, como defendem Grandin (2019) e Fear Free (2020), ao enfatizar que o manejo positivo e a redução do estresse são fundamentais para o equilíbrio emocional e a segurança dos animais. Por fim, o domínio dos estados mentais busca avaliar emoções e experiências subjetivas, positivas ou negativas, levando em conta condições que afetam prazer, segurança e conforto psicológico, em consonância com os princípios éticos delineados pela *American Veterinary Medical Association* (AVMA, 2020).

Ao integrar domínios objetivos como nutrição, saúde, ambiente e comportamento à dimensão subjetiva dos estados mentais, o modelo dos Cinco Domínios oferece uma avaliação mais abrangente e sensível do bem-estar animal, harmonizando evidências científicas com a aplicação clínica e as práticas cotidianas de cuidado (Mellor; Beausoleil, 2015; WSAVA, 2019; OIE, 2021).

2.2 O MODELO DOS CINCO DOMÍNIOS

O Modelo dos Cinco Domínios, proposto por Mellor e Beausoleil (2015), expande a perspectiva das Cinco Liberdades ao incluir a avaliação de estados emocionais positivos e uma compreensão mais ampla e multidimensional da experiência animal. Essa concepção é reforçada por Mellor (2016), ao afirmar que o bem-estar deve abranger a ausência de sofrimento e a presença de experiências prazerosas e de estímulos que favoreçam uma “vida que valha a pena ser vivida”. O modelo é composto por cinco dimensões interligadas: nutrição, ambiente físico, saúde física, comportamento e estados mentais.

O domínio da nutrição abrange a qualidade, quantidade e frequência da alimentação, considerando tanto a adequação às necessidades fisiológicas quanto as preferências individuais, conforme orienta a *World Organisation for Animal Health* (OIE, 2021), ao destacar que uma dieta apropriada é indispensável para o equilíbrio metabólico e o conforto do animal. O ambiente físico

contempla aspectos de conforto térmico, acústico e espacial, além de fatores como acessibilidade e segurança, alinhando-se às diretrizes da *World Small Animal Veterinary Association* (WSAVA, 2019), que enfatiza a necessidade de espaços clínicos adaptados para reduzir o estresse e promover segurança.

A saúde física envolve ações preventivas e terapêuticas voltadas à dor, doenças e ferimentos, conforme defendem Holton *et al*. (2001) e Holden *et al*. (2021), que validaram instrumentos comportamentais e expressivos de avaliação da dor em cães e gatos, respectivamente. O domínio do comportamento diz respeito à oportunidade de expressar condutas naturais e realizar atividades de escolha voluntária, reforçadas por práticas de enriquecimento ambiental, conforme Grandin (2019) e Fear Free (2020), que destacam que o manejo gentil e o estímulo à exploração segura reduzem medo e ansiedade, favorecendo respostas fisiológicas positivas.

Por fim, o domínio dos estados mentais busca avaliar emoções e experiências subjetivas, positivas ou negativas, levando em conta condições que afetam prazer, segurança e conforto psicológico, em consonância com os princípios éticos de respeito e empatia estabelecidos pela *American Veterinary Medical Association* (AVMA, 2020). Ao integrar domínios objetivos como nutrição, saúde, ambiente e comportamento à dimensão subjetiva dos estados mentais, o Modelo dos Cinco Domínios oferece uma avaliação mais abrangente e sensível do bem-estar animal, harmonizando evidências científicas com a aplicação clínica e as práticas cotidianas de cuidado (Mellor; Beausoleil, 2015; WSAVA, 2019; OIE, 2021).

2.3 APLICABILIDADE CLÍNICA

Na clínica de pequenos animais, a utilização dos modelos de bem-estar, como as Cinco Liberdades e os Cinco Domínios, reflete-se em protocolos e condutas que visam prevenir o sofrimento e promover experiências positivas durante o atendimento. Segundo Mellor e Beausoleil (2015), a aplicação desses modelos permite integrar aspectos físicos e emocionais na prática clínica, favorecendo uma abordagem mais completa e sensível ao estado do paciente.

A avaliação ambiental envolve a adaptação das salas de consulta e internação, com foco na redução de ruídos, odores fortes e estímulos aversivos, o que proporciona maior conforto físico e psicológico aos animais, conforme orienta a *World Small Animal Veterinary Association* (WSAVA, 2019). O manejo comportamental incorpora técnicas *Fear Free* e *Low Stress Handling*, com o objetivo de diminuir a ansiedade, aumentar a confiança e facilitar a realização de exames e procedimentos, de acordo com as recomendações da plataforma *Fear Free* (2020).

O enriquecimento ambiental e a oferta de estímulos positivos, por sua vez, envolvem o uso de brinquedos, petiscos, feromônios e oportunidades de escolha voluntária, contribuindo para a melhora do estado emocional dos animais hospitalizados ou em tratamento, conforme destaca Grandin (2019), ao afirmar que o estímulo sensorial positivo é determinante para o bem-estar comportamental. Já o

controle da dor e a manutenção da saúde física incluem protocolos de analgesia multimodal, vigilância contínua de sinais de desconforto e medidas preventivas voltadas a doenças recorrentes, práticas sustentadas por Holton *et al*. (2001) e Holden *et al*. (2021), que validaram escalas específicas para avaliação de dor em cães e gatos.

Dessa forma, a aplicação clínica dos modelos consolida uma abordagem ética e científica, fundamentada no cuidado integral e na promoção efetiva do bem-estar animal (Mellor; Beausoleil, 2015; WSAVA, 2019; Fear Free, 2020).

3 RECONHECIMENTO DO SOFRIMENTO ANIMAL

O reconhecimento precoce do sofrimento em pequenos animais é etapa fundamental para a promoção do bem-estar, uma vez que sinais de dor, estresse ou desconforto nem sempre são evidentes para tutores e, em alguns casos, até mesmo para profissionais da clínica veterinária. De acordo com Mellor e Beausoleil (2015), a capacidade de identificar precocemente alterações físicas e emocionais representa um avanço na prática clínica, pois permite intervenções preventivas e maior eficácia terapêutica. Holden *et al*. (2021) e Holton *et al*. (2001) reforçam que o uso de escalas validadas de avaliação da dor complementa a observação clínica e possibilita quantificação objetiva do sofrimento, ampliando a precisão diagnóstica.

A identificação adequada dessas manifestações requer conhecimento aprofundado de indicadores físicos, comportamentais e emocionais, além da utilização de instrumentos padronizados para avaliação da dor e do sofrimento, conforme recomendam WSAVA (2019) e OIE (2021). Essa abordagem integrada, também defendida por Grandin (2019), permite a detecção de alterações sutis e favorece intervenções precoces que minimizam o impacto negativo sobre a saúde e o estado emocional do paciente, consolidando uma prática clínica mais ética, científica e empática.

3.1 SINAIS FÍSICOS

Os sinais físicos de sofrimento animal podem se manifestar por alterações sutis na postura, na marcha, na respiração ou na expressão facial. Animais em dor frequentemente apresentam postura encolhida ou relutância em se movimentar (Holden *et al*., 2021), além de tremores musculares, cãibras e espasmos involuntários. Outros sinais incluem taquicardia, respiração ofegante ou irregular, pupilas dilatadas e sudorese em regiões específicas (Stasiarz *et al*., 2018), bem como mudanças no apetite ou na ingestão de água, geralmente associadas à dor ou desconforto gastrointestinal. Em muitos casos, essas alterações são intermitentes ou discretas, exigindo observação contínua e atenção detalhada durante a consulta clínica ou internação.

3.2 SINAIS COMPORTAMENTAIS E EMOCIONAIS

Os indicadores comportamentais e emocionais variam conforme a espécie e o indivíduo, mas revelam aspectos cruciais do sofrimento. Entre os comportamentos mais frequentes estão agressividade súbita, vocalizações incomuns, automutilação ou lambedura insistente de áreas doloridas, além de apatia e isolamento social. Estados emocionais negativos, como medo, ansiedade e frustração, podem se manifestar por inquietação, hipervigilância ou tentativas de fuga, refletindo sofrimento psíquico que deve ser avaliado com a mesma atenção dispensada aos sinais físicos (Mellor; Beausoleil, 2015). A análise conjunta de padrões comportamentais e emocionais auxilia na compreensão global do bem-estar e na escolha de estratégias terapêuticas mais adequadas.

3.3 ESCALAS DE DOR

A avaliação subjetiva do sofrimento deve ser complementada por escalas padronizadas de dor, que permitem quantificação objetiva e monitoramento evolutivo. Em cães, a Glasgow Composite Pain Scale é uma das ferramentas mais utilizadas, avaliando parâmetros como vocalização, postura, movimento, interação e reação à palpação (Holton *et al*., 2001). Cada categoria recebe pontuação específica, classificando a dor em níveis de leve a grave, e orientando decisões terapêuticas e ajustes analgésicos.

Nos gatos, destaca-se a Feline Grimace Scale, que utiliza expressões faciais como indicadores de dor olhos, orelhas, bochechas, focinho e bigodes atribuindo pontuações de 0 (ausente) a 2 (intensa) (Holden *et al*., 2021). Essa metodologia permite detecção precoce de sofrimento, acompanhamento da resposta à analgesia e comunicação mais objetiva entre equipe clínica e tutores.

3.4 IMPORTÂNCIA CLÍNICA

A integração entre observação clínica, análise comportamental e aplicação de escalas de dor validadas resulta em uma avaliação multidimensional do sofrimento animal. Conforme Holton *et al*. (2001) e Holden *et al*. (2021), o uso combinado de parâmetros fisiológicos e expressões comportamentais aumenta a precisão na identificação da dor, permitindo intervenções mais direcionadas e eficazes. Mellor e Beausoleil (2015) ressaltam que essa abordagem promove o controle do sofrimento e a valorização de estados emocionais positivos, reforçando o conceito de bem-estar pleno.

Além de favorecer o diagnóstico precoce e a escolha adequada das terapias, essa metodologia estimula um manejo clínico mais empático e centrado no paciente, conforme orientam WSAVA (2019) e OIE (2021). Ao minimizar o sofrimento e proporcionar experiências positivas, o processo fortalece o vínculo entre tutor e equipe veterinária, consolidando a clínica como um ambiente de cuidado ético, científico e humanizado.

4 INTERVENÇÕES CLÍNICAS PROMOTORAS DE BEM-ESTAR

A promoção do bem-estar em pequenos animais exige abordagem ampla, que ultrapasse o tratamento de doenças e incorpore aspectos comportamentais, ambientais, nutricionais e emocionais. Essa visão integradora, alinhada ao Modelo dos Cinco Domínios, considera tanto a prevenção de sofrimento quanto a promoção de experiências positivas, transformando o atendimento veterinário em um processo terapêutico completo e humanizado (Mellor; Beausoleil, 2015).

4.1 MANEJO CLÍNICO E CONTROLE DA DOR

O manejo adequado no consultório é decisivo para reduzir a ansiedade e facilitar a cooperação do animal, sendo um componente central na promoção do bem-estar. Protocolos como *Fear Free* e *Low Stress Handling* orientam práticas que minimizam o medo e tornam o atendimento mais agradável, priorizando o conforto emocional e físico do paciente (Fear Free, 2020). Entre as principais estratégias estão a recepção tranquila, permitindo que o animal explore o ambiente, a contenção gentil e proporcional e o uso de reforço positivo, como petiscos e brinquedos, práticas que, segundo Grandin (2019), fortalecem associações positivas e reduzem respostas de estresse. O treinamento contínuo da equipe também é indispensável para reconhecer sinais sutis de ansiedade e adaptar o comportamento conforme o estado emocional do paciente, em consonância com as diretrizes da *World Small Animal Veterinary Association* (WSAVA, 2019).

O controle da dor, por sua vez, constitui eixo central do bem-estar. Estratégias multimodais combinam analgesia farmacológica com anti-inflamatórios não esteroidais, opioides e anestésicos locais ao monitoramento contínuo por meio de escalas validadas, garantindo ajuste terapêutico dinâmico e preciso (Holton *et al*., 2001; Holden *et al*., 2021). Quando necessário, a sedação humanizada auxilia na realização de procedimentos sem gerar trauma, enquanto intervenções não farmacológicas, como massagem, manipulação suave e conforto térmico, complementam a terapia, promovendo recuperação mais rápida e melhora significativa na experiência do paciente (Mellor; Beausoleil, 2015; WSAVA, 2019).

4.2 AMBIENTE, ESTÍMULOS SENSORIAIS E NUTRIÇÃO

O ambiente clínico influencia diretamente a experiência do animal, sendo determinante para reduzir estresse e promover conforto. Ambientes silenciosos, com iluminação suave e cheiros agradáveis, favorecem o relaxamento, enquanto superfícies antiderrapantes, camas acolchoadas e áreas de refúgio reduzem a sensação de vulnerabilidade. O uso de feromônios sintéticos, como Feliway® e Adaptil®, também auxilia na modulação comportamental, diminuindo reações de medo e agressividade (Grandin, 2019).

O enriquecimento ambiental, por meio de brinquedos, estímulos olfativos e oportunidades de escolha voluntária, contribui para a expressão de comportamentos naturais e para a construção de experiências positivas, conforme destacam Grandin (2019) e Fear Free (2020), ao enfatizarem que o estímulo controlado e agradável reduz o estresse e reforça o aprendizado positivo. A *World Small Animal Veterinary Association* (WSAVA, 2019) acrescenta que a criação de ambientes previsíveis e interativos melhora o bem-estar psicológico e fortalece o vínculo entre o animal e o ambiente clínico.

A nutrição, integrada a esse contexto, deve ser individualizada conforme espécie, idade e condição clínica, podendo ser utilizada como ferramenta de reforço positivo durante procedimentos, de modo a associar o atendimento a experiências prazerosas. Segundo a *World Organisation for Animal Health* (OIE, 2021), dietas equilibradas e adaptadas às necessidades fisiológicas são determinantes para a manutenção da homeostase e para o bem-estar geral. Dietas específicas e suporte nutricional adequado favorecem a recuperação, reduzem o estresse metabólico e promovem melhor resposta imunológica, sobretudo em pacientes geriátricos ou crônicos, consolidando a nutrição como componente terapêutico e emocional do cuidado integral.

4.3 INTEGRAÇÃO E APLICABILIDADE CLÍNICA

A aplicação dos princípios de bem-estar na prática clínica requer integração contínua entre manejo comportamental, controle da dor, ambiente terapêutico e cuidados nutricionais. Essa abordagem sistêmica garante avaliação individualizada, tomada de decisão fundamentada e adaptação constante às necessidades do paciente. Além de melhorar os resultados clínicos, fortalece o vínculo entre veterinário e tutor, promovendo confiança, adesão ao tratamento e reconhecimento da clínica como espaço de cuidado ético, científico e humanizado, em consonância com as diretrizes internacionais de bem-estar (WSAVA, 2019; Mellor; Beausoleil, 2015).

5 RELAÇÃO VETERINÁRIO–TUTOR

A relação entre o médico-veterinário e o tutor representa um dos pilares centrais da promoção do bem-estar animal, uma vez que decisões clínicas e intervenções terapêuticas dependem diretamente da comunicação eficaz, da empatia e da compreensão mútua. Segundo Mellor e Beausoleil (2015), o bem-estar animal é resultado da interação entre fatores biológicos, comportamentais e sociais, sendo a confiança entre tutor e profissional determinante para o sucesso terapêutico. Uma abordagem centrada no tutor favorece a adesão ao tratamento e o manejo humanizado e a criação de experiências positivas para o animal, fortalecendo o vínculo entre os envolvidos e promovendo confiança e cooperação ao longo de todo o processo clínico.

5.1 COMUNICAÇÃO ÉTICA

A comunicação ética constitui elemento necessário na consolidação de relações de confiança entre veterinário, tutor e paciente, sendo indispensável para uma prática clínica transparente e responsável. Baseia-se em clareza, respeito e empatia, assegurando que todas as decisões mantenham o bem-estar animal como princípio norteador, conforme orientam as diretrizes da *American Veterinary Medical Association* (AVMA, 2020). A apresentação equilibrada de diagnósticos, prognósticos e alternativas terapêuticas, acompanhada da explicitação de riscos e benefícios, permite ao tutor compreender plenamente as opções e participar ativamente do processo decisório, como recomenda a *World Small Animal Veterinary Association* (WSAVA, 2019).

A escuta ativa é igualmente fundamental, permitindo que o profissional reconheça as percepções e preocupações do tutor, as quais refletem seu conhecimento sobre o comportamento e as particularidades do animal. Essa postura empática torna-se ainda mais relevante em situações de dor crônica, doenças graves ou sofrimento emocional, quando a confiança e o acolhimento psicológico são determinantes para o êxito terapêutico (Grandin, 2019). Além disso, a adequação da linguagem e a tradução de termos técnicos em explicações acessíveis fortalecem o entendimento mútuo, tornando o diálogo ético uma ferramenta de construção de confiança e de prevenção de conflitos.

5.2 DECISÃO COMPARTILHADA

A decisão compartilhada (*shared decision-making*) na medicina veterinária consiste em um processo colaborativo que integra o conhecimento técnico do veterinário às preferências, condições e expectativas do tutor. Mellor e Beausoleil (2015) enfatizam que a participação ativa do tutor promove maior alinhamento entre o bem-estar do animal e as possibilidades reais do contexto familiar, reforçando a responsabilidade compartilhada sobre o cuidado.

A avaliação das condições físicas, emocionais e funcionais do paciente deve ser acompanhada da análise de fatores econômicos, logísticos e culturais, assegurando a viabilidade e a ética do tratamento, conforme destacam WSAVA (2019) e OIE (2021). O uso de uma abordagem baseada em evidências permite ao profissional propor terapias seguras, ajustadas ao perfil do animal e à realidade do tutor. Essa transparência fortalece o vínculo de confiança, aumenta a adesão terapêutica e reduz o risco de decisões precipitadas em situações de alto impacto emocional, como enfermidades terminais ou dor persistente.

5.3 CUIDADOS PALIATIVOS E EUTANÁSIA HUMANIZADA

Nos casos de doenças crônicas, degenerativas ou terminais, o manejo clínico deve priorizar o bem-estar integral do paciente, transcendendo o tratamento curativo para incluir cuidados paliativos.

Segundo Mellor (2016), a atenção deve se concentrar em manter conforto físico, controle eficaz da dor, suporte nutricional e estímulos ambientais que garantam qualidade de vida até o fim.

A eutanásia humanizada, por sua vez, requer planejamento ético, comunicação empática e escolha de métodos que garantam mínimo sofrimento, conforme orienta a *American Veterinary Medical Association* (AVMA, 2020). Esse processo deve ser conduzido com respeito, transparência e apoio emocional ao tutor e à equipe, assegurando que a decisão ocorra de forma consciente, documentada e ética. A integração entre cuidados paliativos e eutanásia humanizada reflete a maturidade profissional e reafirma a centralidade do bem-estar animal na prática clínica contemporânea (Mellor; Beausoleil, 2015).

6 DESAFIOS ENFRENTADOS NA PRÁTICA CLÍNICA

Apesar dos avanços teóricos e metodológicos na promoção do bem-estar animal, a prática clínica ainda enfrenta barreiras estruturais, culturais, econômicas e emocionais que dificultam a aplicação plena das diretrizes internacionais. O enfrentamento dessas limitações requer estratégias integradas e contínuas que articulem infraestrutura adequada, capacitação técnica e suporte emocional às equipes (WSAVA, 2019).

6.1 BARREIRAS ESTRUTURAIS E CULTURAIS

As limitações estruturais das clínicas veterinárias representam obstáculos significativos, especialmente quando envolvem pacientes ansiosos ou hospitalizados. Ambientes pequenos, mal iluminados, com superfícies desconfortáveis e ausência de isolamento acústico comprometem o conforto físico e emocional dos animais. Além disso, a resistência à atualização de protocolos e a falta de treinamento em manejo comportamental dificultam a adoção de práticas mais humanizadas (Grandin, 2019).

As barreiras culturais e regionais também influenciam a percepção sobre dor, sofrimento e prevenção. Diferenças socioculturais moldam as decisões dos tutores em relação ao tratamento, exigindo do profissional sensibilidade e adaptação comunicativa (WSAVA, 2019). Assim, a promoção do bem-estar depende de habilidades clínicas e de transformação institucional e de educação continuada da equipe.

6.2 PRESSÕES ECONÔMICAS E EMOCIONAIS

As limitações financeiras dos tutores frequentemente restringem o acesso a terapias avançadas, protocolos de analgesia multimodal e ambientes adequados. Ao mesmo tempo, a pressão por produtividade nas rotinas clínicas reduz o tempo disponível para observação detalhada, manejo individualizado e comunicação empática.

O impacto emocional sobre os profissionais é igualmente relevante. O contato constante com dor, sofrimento e eutanásia pode gerar *burnout* e fadiga por compaixão, afetando tanto o bem-estar da equipe quanto a qualidade do cuidado (Mellor; Beausoleil, 2015). Assim, além da competência técnica, torna-se primordial desenvolver estratégias institucionais e individuais de apoio psicológico e autocuidado.

6.3 ESTRATÉGIAS DE MITIGAÇÃO

A superação dessas barreiras exige políticas sustentáveis e práticas clínicas fundamentadas em empatia e evidências científicas. A capacitação contínua da equipe em manejo de estresse, comunicação ética e analgesia moderna é fundamental para consolidar uma cultura organizacional centrada no bem-estar (Fear Free, 2020). A implementação gradual de abordagens *Fear Free* e *Low Stress Handling* permite adaptar os atendimentos à realidade de cada clínica sem comprometer a qualidade do cuidado (Grandin, 2019).

O diálogo financeiro transparente com os tutores, aliado ao planejamento terapêutico compartilhado, promove decisões éticas e sustentáveis. Paralelamente, a criação de espaços de apoio emocional e grupos de discussão entre profissionais contribui para reduzir o desgaste psíquico e reforçar o compromisso coletivo com a prática humanizada.

O reconhecimento e a gestão dessas dificuldades consolidam a clínica veterinária como ambiente de cuidado ético, empático e baseado em evidências, onde o bem-estar animal é tratado como competência técnica elementar e não como complemento do exercício profissional (Mellor; Beausoleil, 2015; WSAVA, 2019; Fear Free, 2020).

7 DISCUSSÃO

A análise dos conceitos e evidências apresentados demonstra que a promoção do bem-estar animal ultrapassa a esfera ética e se consolida como competência técnica nuclear dentro da medicina de pequenos animais. De acordo com Mellor e Beausoleil (2015), o bem-estar deve ser compreendido como um processo dinâmico que envolve a prevenção de experiências negativas e a promoção de estados emocionais positivos. Essa visão é complementada por Grandin (2019), que enfatiza que a qualidade do manejo e a leitura adequada do comportamento animal influenciam diretamente o sucesso terapêutico e a confiança do paciente. Assim, quando o médico-veterinário incorpora práticas que consideram aspectos físicos, comportamentais e emocionais, ele amplia a precisão diagnóstica e o alcance terapêutico, fundamentando-se em uma avaliação clínica mais completa.

Holden *et al*. (2021) ressaltam que a identificação precoce de dor e sofrimento, associada ao uso de escalas validadas como a *Glasgow Composite Pain Scale* e a *Feline Grimace Scale*, possibilita intervenções mais rápidas e eficazes, reduzindo o tempo de recuperação e o risco de complicações.

Essa perspectiva converge com Holton *et al*. (2001), que defendem que a quantificação sistemática da dor deve ser rotina clínica, pois reflete o estado físico e o emocional do animal. Quando esses instrumentos são aliados à observação de sinais sutis e à escuta atenta do tutor, a conduta clínica torna-se mais humanizada e alinhada ao bem-estar.

No campo do manejo, as abordagens *Fear Free* e *Low Stress Handling* têm se destacado por reduzir significativamente os níveis de estresse e agressividade durante o atendimento, conforme apontam Fear Free (2020) e Grandin (2019). Ambas as metodologias reforçam a importância de uma contenção gentil, de ambientes tranquilos e da criação de associações positivas entre o animal e o consultório veterinário. Mellor e Beausoleil (2015) complementam que práticas que favorecem o controle emocional e o conforto ambiental repercutem em maior cooperação do paciente e em melhor resposta terapêutica, o que confirma a interdependência entre manejo, fisiologia e comportamento.

Além dos aspectos técnicos, a comunicação ética e a decisão compartilhada também se mostram determinantes para o sucesso clínico. Segundo Mellor e Beausoleil (2015), a empatia e a clareza nas interações entre veterinário e tutor fortalecem a confiança e aumentam a adesão ao tratamento. Essa visão é corroborada por WSAVA (2019), que afirma que a transparência e a escuta ativa devem ser princípios estruturantes da prática clínica, especialmente em casos de enfermidades graves ou decisões terapêuticas delicadas. Dessa forma, o diálogo ético atua como ferramenta de humanização e como meio de garantir que o tutor compreenda e participe conscientemente das decisões sobre o cuidado do animal.

No contexto educacional e institucional, Grandin (2019) e Mellor (2016) destacam a necessidade de que o bem-estar animal seja tratado como disciplina estruturante na formação veterinária, integrando conteúdos sobre comportamento, manejo humanizado, analgesia e ética profissional. Essa perspectiva é reforçada por WSAVA (2019), que propõe a criação de diretrizes globais de ensino e atualização profissional voltadas à avaliação do bem-estar e à comunicação clínica eficaz. A inclusão desses temas nos currículos de graduação e pós-graduação possibilita a formação de profissionais mais sensíveis, competentes e alinhados às demandas éticas contemporâneas.

Em nível macro, as políticas públicas voltadas à saúde animal também ganham relevância. Mellor e Beausoleil (2015) apontam que a promoção do bem-estar deve ser entendida como parte do conceito de *Saúde Única*, que integra saúde animal, humana e ambiental. Essa concepção é reforçada por WSAVA (2019), ao destacar que práticas éticas e protocolos de manejo humanizado repercutem na saúde dos animais e na saúde pública e na sustentabilidade dos sistemas de cuidado. Portanto, o fortalecimento de regulamentações e incentivos institucionais voltados ao bem-estar representa avanço significativo na consolidação de uma medicina veterinária ética, científica e socialmente comprometida.

Desse modo, observa-se que a promoção do bem-estar animal não se limita à empatia ou à ética isolada, mas constitui um eixo técnico e científico que transforma a prática clínica. A articulação entre manejo humanizado, analgesia multimodal, ambiente adequado e comunicação empática fortalece o vínculo veterinário–tutor, otimiza os resultados terapêuticos e promove experiências positivas para o paciente. Ao mesmo tempo, impulsiona transformações no ensino e nas políticas públicas, reafirmando o bem-estar como uma competência clínica imprescindível e estratégica para a medicina veterinária contemporânea.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo reforça que o bem-estar animal deve ser compreendido como um pilar estruturante da medicina de pequenos animais, integrando-se a todas as etapas do atendimento clínico. A associação entre manejo humanizado, controle eficaz da dor, comunicação ética e adequações ambientais possibilita uma abordagem holística que minimiza o sofrimento físico e emocional, promove experiências positivas e fortalece o vínculo entre veterinário, paciente e tutor.

O médico-veterinário assume, assim, a função de guardião do bem-estar, unindo conhecimento técnico, sensibilidade ética e competência comunicativa. Essa postura contribui para a consolidação de uma prática profissional responsável e socialmente relevante, alinhada aos princípios internacionais de bem-estar e às diretrizes da *World Small Animal Veterinary Association* (WSAVA, 2019).

Portanto, o bem-estar animal deve ser incorporado como parte intrínseca da competência clínica, orientando decisões, protocolos e condutas em todas as etapas do cuidado de cães e gatos. Ao promover o equilíbrio entre ciência, empatia e ética, a medicina veterinária contemporânea reafirma sua função social e o compromisso de garantir qualidade de vida, respeito e dignidade a todos os animais sob seus cuidados

REFERÊNCIAS

AMERICAN VETERINARY MEDICAL ASSOCIATION (AVMA). *Animal Welfare Principles*. Schaumburg: AVMA, 2020.

FAWC – FARM ANIMAL WELFARE COUNCIL. *Five Freedoms*. Londres: FAWC, 1979.

FEAR FREE. *Fear Free Pets: Veterinary Professionals Resources*. Fear Free, 2020.

GRANDIN, Temple. *Temple Grandin's Guide to Working with Farm Animals: Safe, Humane Livestock Handling Practices for the Small Farm*. North Adams: Storey Publishing, 2019.

HOLDEN, Emily *et al*. Evaluation of facial expression in cats to detect pain: Feline Grimace Scale development and validation. *Scientific Reports*, [s.l.], v. 11, n. 1, p. 7492, 2021.

HOLTON, L. L. *et al*. Development of a behaviour-based scale to measure acute pain in dogs. *Journal of the American Veterinary Medical Association*, v. 219, p. 1727–1734, 2001.

MELLOR, David J. Updating animal welfare thinking: moving beyond the "Five Freedoms" towards "A Life Worth Living". *Animals*, [s.l.], v. 6, n. 3, p. 21, 2016.

MELLOR, David J.; BEAUSOLEIL, Ngaio J. Extending the 'Five Domains' model for animal welfare assessment to incorporate positive welfare states. *Animal Welfare*, [s.l.], v. 24, n. 3, p. 241–253, 2015

WORLD ORGANISATION FOR ANIMAL HEALTH (OIE). *Animal Welfare at a Glance*. Paris: OIE, 2021.

WORLD SMALL ANIMAL VETERINARY ASSOCIATION (WSAVA). WSAVA Global Guidelines on Animal Welfare. *Journal of Small Animal Practice*, [s.l.], v. 60, n. 7, p. E1–E46, 2019.